

**CURIOSITZ: UMA EXPERIÊNCIA DE TRABALHO COM NARRATIVAS NAS AULAS DE PRODUÇÃO TEXTUAL NO CURSO DE JORNALISMO**

***CURIOSITZ: A WORK EXPERIENCE WITH NARRATIVES IN TEXT PRODUCTION CLASSES IN THE JOURNALISM COURSE***

***CURIOSITZ: UNA EXPERIENCIA LABORAL CON NARRATIVAS EN CLASES DE PRODUCCIÓN DE TEXTO EN EL CURSO DE PERIODISMO***

*Regysane Botelho C Alves*

regysane.botelho@ufma.br

Doutora em Linguística pela Universidade de Brasília  
Professora da Universidade Federal do Maranhão

*Marcos Fábio Belo Matos*

marcos.fabio@ufma.br

Pós-doutor em Comunicação pela Unisinos  
Professor da Universidade Federal do Maranhão

**RESUMO**

Este artigo é um resgate de uma experiência de sala de aula, realizada entre agosto e dezembro de 2019, no âmbito da disciplina Laboratório de Produção Textual, do Curso de Comunicação Social – Jornalismo, da UFMA – Imperatriz. A iniciativa foi pensada e efetivada para dar uma faceta mais prática e significativa a uma das unidades do conteúdo da referida disciplina, a saber: o estudo das Tipologias Textuais, notadamente a Narração, que é uma das estruturas mais utilizadas na produção jornalística, nos seus principais gêneros: a notícia e a reportagem. Este texto faz um relato dessa experiência, empreendida pelos dois professores que ministraram, conjuntamente, a disciplina, no primeiro semestre de 2019, e apresenta os seus resultados práticos: o livro CURIOSITZ, que reuniu a produção dos alunos da turma e teve uma edição impressa, lançada no XVII Salão do Livro de Imperatriz – Salimp.

**Palavras-chave:** Produção Textual. Narrativa. Imperatriz. Curiositz.

## ABSTRACT

This paper rescues a classroom experience carried out from August to December in 2019 during the discipline Textual Production Laboratory, that composes the syllabus of Social Communication – Journalism Course at Universidade Federal do Maranhão, Imperatriz campus. The initiative was designed and implemented to promote a more practical and meaningful facet to one of the content units of this discipline: the study of Textual Typologies, notably Narration, which is one of the most used textual structures in journalistic production, in its main genres: notice and reports. This article retrieves this experience that was undertaken by the two professors who taught the discipline in the first academic semester of 2019, and presents its practical results: the book CURIOSITZ, which brought together the production of the students in this class group and had a print edition launched at the 17th Imperatriz Book Salon - Salimp.

**Keywords:** Writing. Narrative. Imperatriz. Curiositz.

## RÉSUMEN

Este artículo es un rescate de una experiencia en el salón de clase, hecha en el período de agosto hasta diciembre de 2019, en el ámbito de la disciplina de Laboratorio de Producción Textual, del Curso de Comunicación Social-Periodismo, UFMA - Imperatriz. La iniciativa fue diseñada e implementada para dar un lado más práctico y significativo a una de las unidades del contenido de dicha disciplina, a saber: estudio de Tipologías textuales, notablemente, la Narración, que es una de las estructuras más utilizadas en producciones periodísticas, en sus géneros principales: la noticia e el reportaje. Este texto da cuenta de esa experiencia emprendida por dos profesores que enseñan juntos la disciplina, en primer semestre de 2019, y presenta sus resultados prácticos: el libro CURIOSITZ, que reunió la producción de los alumnos de la clase y tuvo una edición impresa, publicada en el XVII Salão do Livro de Imperatriz - Salimp.

**Palabras-clave:** Producción Textual. Narración. Imperatriz. Curiositz.

## **INTRODUÇÃO**

O curso de Comunicação Social – Jornalismo foi criado, no Campus da UFMA em Imperatriz (oficialmente, chamado de Centro de Ciências Sociais, Saúde e Tecnologia – CCSST), em 2006, na esteira do Reuni e do processo de interiorização da universidade, implementado pelo Ministério da Educação. Ele chegou com mais dois cursos: Enfermagem e Engenharia de Alimentos, formando então um campus com seis cursos de graduação, pois lá já existiam, desde os anos 1980, os cursos de Pedagogia e Direito e, na década seguinte, Ciências Contábeis<sup>1</sup>.

O curso é fruto de uma demanda local e foi inspirado no Curso de Jornalismo de São Luís, onde já existia desde 1970. Assim, carregava muito da concepção teórico-prática dos professores do curso que lhe deu origem. Inicialmente, a sua estrutura curricular foi montada com uma marcada divisão entre a teoria de base com a prática dos laboratórios. No conjunto das disciplinas de laboratório, encontra-se o componente curricular “Laboratório de Produção Textual”, o qual tinha a intenção de ser um arcabouço de base linguística que desse suporte para os estudantes redigirem textos de natureza jornalística, cujas especificidades são estudadas em disciplinas futuras, como Redação Jornalística, Laboratório de Jornalismo Impresso, Laboratório de Radiojornalismo e Laboratório de Telejornalismo, dentre outras. Por esse motivo, essa disciplina compõe o primeiro semestre do curso e é pré-requisito para os demais laboratórios que lhe seguem, alguns citados neste parágrafo (UFMA, 2005)<sup>2</sup>.

Dessa forma, desde a fundação do curso, há um trabalho para que os alunos, a partir do conjunto de conteúdos envolvidos pela disciplina de

---

<sup>1</sup>Quando foram abertos os novos cursos, as atividades do campus, que se transformou oficialmente em centro, passaram a ser desenvolvidas nos três turnos; antes, só funcionavam os cursos noturnos de Direito, Pedagogia e Ciências Contábeis.

<sup>2</sup>Em 2020, o Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão da UFMA já aprovou a reformulação do PPC do Curso de Comunicação Social - Jornalismo da UFMA Imperatriz, que deverá ser implantado em breve.

Laboratório de Produção Textual, que tem carga horária de 120 horas, possam produzir textos que apontem para a consolidação das bases linguísticas necessárias ao trabalho na prática jornalística. Nesse sentido, a disciplina trabalha com conceitos que visam a ajudar o estudante a compreender a produção de qualquer texto, inclusive o jornalístico, como uma ação social que constrói sentidos, tendo por eixo de estudo a noção de discurso (UFMA, 2005).

Uma das noções mais demandadas no trabalho da disciplina são as tipologias e os gêneros textuais, cujas bases conceituais são estudadas na Unidade I, segundo a perspectiva sociointerativa apresentada por Marcuschi (2008; 2010). Na Unidade IV, as tipologias textuais são retomadas para um estudo mais detalhando, no qual explanam-se centralmente os princípios da Narração, Descrição e Dissertação, a partir de suas dimensões teórica, analítica e prática, convergindo para textos jornalísticos.

Assim, são selecionados textos jornalísticos para a apreensão dos fundamentos dessas tipologias, depois são disponibilizados extratos de textos de jornais, revistas, *sites* e TV para que os alunos realizem análises e, posteriormente, são solicitadas atividades de produção de textos, em cada uma das tipologias estudadas, tendo por base situações que se aproximam da prática do jornalismo – que podem ser, por exemplo, a elaboração de um personagem que poderia ser usado em uma notícia ou reportagem; a produção de um artigo para ser enviado a um portal de notícias *online* ou jornal impresso; ou a produção de alguma narrativa (em primeira ou terceira pessoa, com um dos tipos de narrador estudados) que imite uma notícia ou uma reportagem ou mesmo uma crônica narrativa.

Nesse processo, há um esforço para que os estudantes não somente produzam textos para a avaliação do professor, aos moldes das redações escolares, mas que vivenciem um exercício didático-pedagógico que lhes permita experienciar a socialização de seus textos em espaços públicos,

uma das principais características da produção textual jornalística, que é veiculada nos mais diversos meios de comunicação (ASSIS, 2006).

Foi assim que, no segundo semestre de 2019, a produção de uma crônica norteou a concepção e a efetivação do livro “Curiositz: histórias curiosas de Imperatriz”. A produção do livro envolveu a turma do primeiro período do Curso de Jornalismo daquele semestre em um processo no qual todos os alunos puderam participar, desde o sorteio das histórias, passando pela produção e revisão dos textos, até à diagramação do livro que foi publicado em uma edição impressa por editora local e lançado durante o XVII Salão do Livro de Imperatriz (SALIMP), no dia 06 de outubro de 2019. Os alunos também participaram da montagem da programação de lançamento e da produção de convites para a noite de autógrafos.

É a história dessa aventura narrativa, pensada e efetivada em sala de aula, sob a coordenação dos professores Marcos Fábio Belo Matos e Regysane Botelho C. Alves, que passamos a especificar a seguir.

## **O CONTEÚDO DO LABORATÓRIO DE PRODUÇÃO TEXTUAL**

A disciplina Laboratório de Produção Textual, de acordo com o Projeto Político-Pedagógico, faz parte do ciclo inicial do Curso de Comunicação Social – Jornalismo, sendo ministrada no primeiro período. Ela tem o caráter de laboratório e, dentro da estrutura curricular do curso, que se distribui por oito semestres, é pré-requisito para todos os demais laboratórios vinculados à prática jornalística, a saber: Redação jornalística (2º período); Gêneros discursivos em jornalismo (3º período); Laboratório de jornalismo impresso (4º período); Laboratório de radiojornalismo e Laboratório de telejornalismo (5º período); Laboratório de webjornalismo e Laboratório de assessoria de comunicação (6º período).

O pressuposto dessa organização é que, para todos os laboratórios ligados à prática jornalística, nos seus mais variados campos, a competência textual é uma necessidade premente, como, aliás, preconiza o Projeto Pedagógico, quando afirma que um dos objetivos do Curso de Comunicação Social é a formação de profissionais que sejam capazes de produzir textos com o uso de diversas tecnologias e de analisar as “implicações políticas, éticas e culturais desse ato na mediação das relações sociais e na construção de identidades, conhecimentos e crenças” (UFMA, 2006, p. 20) e ainda quando registra que o perfil dos egressos é de comunicadores que tenham a

capacidade de criação, produção e distribuição de produtos de comunicação; de análise das estratégias de recepção e avaliação das mídias, das práticas profissionais e sociais a elas relacionadas e as suas formas de inserções culturais, políticas e econômicas [bem como a] habilidade em desenvolver novas técnicas de criação, produção e distribuição de produtos comunicacionais considerando as diferentes mídias, organizações sociais e econômicas e a complexidade dos cenários institucionais, políticos e culturais (UFMA, 2006, p. 20-21).

Vinculada à área da Linguagem, a disciplina é apresentada no documento com algumas especificidades e, ao lado da centralidade que dá à noção de discurso como espaço de linguagem – “em que se manifesta a humanidade do homem, do sujeito da enunciação; [...] lugar também onde, imaginariamente, objetos (a informação) são oferecidos ao público, a quem falta” (UFMA, 2006, p. 11) –, destaca as seguintes questões gramaticais:

- Gramática:

Estudos da Sintaxe, que descrevem as regras de articulação dos elementos constituintes da estrutura do texto, em termos de:

- lógica discursiva, ou seja, as inter-relações (interdependências e complementaridades) entre os elementos constituintes do texto, situados: intrafrase, interfrase, intraparágrafo e entre parágrafos, daí, progressivamente, pensando-se a intertextualidade e a hipertextualidade;
- análise estrutural, semiológica e semiótica, como fundamento para as teorias e métodos de análise da narrativa e do discurso;

Recursos da Retórica, Estilística e Figuras de Pensamento ou Linguagem, instrumentais teóricos e técnicos para o aprimoramento estético do texto; e Ortografia e correção textual: instrumentais de aprimoramento técnico no manejo do texto (UFMA, 2005, p.16).

Ademais, dentro desse escopo conceitual amplo, a ementa da disciplina organiza os aportes teórico-práticos que norteiam os conteúdos, divididos por unidades, a saber:

LABORATÓRIO DE PRODUÇÃO TEXTUAL: Modos de dizer segundo intenções e interesses humanos. Vocabulário, gramática, coesão e estrutura textual. Intertextualidade e hipertextualidade. Ortografia e correção textual: instrumentais de aprimoramento do texto. Produção textual (UFMA, 2005, p. 35).

A disciplina, como componente do primeiro semestre, recebe alunos que chegam do Ensino Médio, com a carga conceitual do campo da linguagem associada, muito frequentemente, a tópicos de gramática e textos argumentativos-dissertativos, devido à influência da redação do Enem.

É claro que, como preconizam os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) para o Ensino Médio, eles tiveram noções de gêneros textuais diversos, de língua em uso (SILVA, 2011), mas a sua memória mais ativa é mesmo a do “texto da redação do Enem”, até por conta de tudo o que esse gênero provoca nos alunos do terceiro ano, com a famigerada prova para o acesso às universidades.

Então, torna-se uma das primeiras funções do professor de uma disciplina de base, que vai fornecer o substrato linguístico para todos os demais laboratórios que envolverão a prática jornalística, apresentar para esses alunos especificidades da produção de textos nessa área: ser produto de uma comunicação de massa; apresentar estrutura linguístico-discursiva; ser artifício de produção informativa e formatadora de uma linguagem específica – a linguagem jornalística (LAGE, 1990).

Assim, a organização das unidades que advêm da ementa tenta fazer um percurso que vai da noção de texto como instrumento/produto de comunicação, pensando na informação jornalística como um elemento-chave do processo de comunicação de massa; avança no sentido de abarcar os

conceitos de linguagem, língua, fala, texto e discurso (CORRÊA, 2002; CHARAUDEAU, 2015); os fatores da textualidade (e sua aplicação na informação jornalística); o trabalho com a intertextualidade e a hipertextualidade, tão necessários ao jornalismo virtual de hoje em dia (KOCH, 2004; 2004b; KOCH; TRAVAGLIA, 2004; KOCH; ELIAS, 2018; MARCUSCHI, 2008); as tipologias textuais e a sua estreita relação com os gêneros jornalísticos (SENA, 2008; ABREU, 2008; GUEDES, 2009; MARCHUSCHI, 2010) até chegar aos elementos estilísticos, com o estudo das figuras de linguagem (ABREU, 2008; NASCIMENTO, 2009), e à introdução do que se convencionou chamar de linguagem jornalística, por meio do estudo de autores que se dedicam a pensar uma linguagem jornalística como um campo instrumental-conceitual (NASCIMENTO, 2009; COIMBRA, 1993; LAGE, 1990).

Todo esse conteúdo é organizado em cinco unidades e desenvolvido ao longo de 120 horas-aula, com mescla de aulas teóricas, leituras e discussões de textos, atividades de análise de textos-modelo (sobretudo, os do campo da Comunicação e Jornalismo), produção de textos dirigida e correção gramatical a partir das recorrências verificadas na produção dos alunos. O trabalho desenvolvido segue uma sequência didático-pedagógica que geralmente se estabelece da seguinte forma: conceituação, seguida de exemplificação e análise de modelos e antimodelos e, por fim, a produção de textos na modalidade estudada, com escrita e possibilidade de reescrita após avaliação dos professores.

Nesse escopo teórico-analítico-prático que formata a disciplina de Laboratório de Produção Textual, um conteúdo assume um papel bastante preponderante: o estudo das tipologias textuais, com especial ênfase para a abordagem da narrativa jornalística, uma vez que ela é a essência do fazer jornalístico.

## **A NATUREZA NARRATIVA DO JORNALISMO**



A atividade jornalística é, essencialmente, narrativa. Se você abrir, por exemplo, qualquer página de *site* de notícias, no Brasil ou no mundo, e fizer uma rápida avaliação, vai perceber que a maioria dos textos jornalísticos, enfiados no que se convencionou chamar de gêneros jornalísticos (MELO, 2003; CHAPARRO, 2008), tem como estrutura de base a narração.

Segundo defendem Nascimento e Prado (2009, p. 54), como o jornalismo trabalha com fatos da atualidade, a narração é “a forma redacional predominante” nessa esfera de atuação. Assim, cotidianamente, quando buscamos as notícias nos mais variados suportes – jornais e revistas, físicos ou digitais – as informações nos são entregues em forma de “relatos, histórias, e, como tais, configuram-se pela forma narrativa”. Os autores informam ainda que a estrutura predominantemente narrativa do relato jornalístico também lhe confere um potencial ficcional, ainda que a prática jornalística se alicerce em bases “científicas” na busca pela informação.

Mais que o jornalismo, como constatou Barthes (1976, p. 19), cremos que a narrativa é inerente às realizações comunicacionais humanas, pois “inumeráveis são as narrativas do mundo”, que se constroem significando-o nos mais diversos grupos e práticas sociais. É ainda Barthes (1976, p. 19) que nos informa que

[...] a narrativa pode ser sustentada pela linguagem, articulada, oral ou escrita, pela imagem, fixa ou móvel, pelo gesto ou pela mistura ordenada de todas essas substâncias; está presente no mito, na lenda, na fábula, no conto, na novela, na epopeia, na história, na tragédia, no drama, na comédia, na pantomima, na pintura [...], no vitral, no cinema, nas histórias em quadrinhos, no *fait divers*, na conversação.

Nessa prática de construção de narrativas, o jornalismo integra, de forma cada vez mais presente, o rol dos mecanismos de narração do cotidiano, pois, ainda que seus enunciados não assumam uma característica de ficcionalidade, “narram sucessões de estados de transformação, ainda que de forma fragmentada e dispersa” (MOTA, 2014, p. 07) nas diversas matérias e

notícias espalhadas nos mais distintos veículos de comunicação. Por esse motivo, Mota (2014, p. 23) qualifica o fazer jornalístico na sociedade como a construção de uma “história do presente imediato, uma história fugidia, inacabada, aberta, mas, uma história”.

Muitas outras evocações teóricas poderiam aqui ser relacionadas para substanciar o caráter narrativo da produção jornalística em todos os seus dispositivos. Contudo, voltando nosso olhar também para as questões linguísticas que orientam a composição dessa tipologia textual, trazemos o ensinamento de Vanoye (2003, p. 191), que diz: “A narração é a organização verbal da narrativa. É a manifestação do narrador que organiza e apresenta os elementos da narrativa numa certa ordem, num certo tom e segundo intenções particulares”. Ao lado desse clássico, posicionamos também a conceituação oferecida por Marchuschi (2010), que reconhece a narração como um enunciado textual indicativo de ação, cujo principal elemento de organização é a sequência temporal dos eventos.

Todos esses aspectos fazem com que haja uma atenção mais acurada ao conteúdo da Narração dentro da organização da disciplina Laboratório de Produção Textual, no Curso de Comunicação Social – Jornalismo, da UFMA Imperatriz. E foi justamente essa a preocupação motora do projeto “Curiositz: histórias curiosas de Imperatriz”, desenvolvido com os alunos da disciplina, no primeiro semestre de 2019, e que passamos a especificar na seção seguinte.

### **CURIOSITZ: A NARRATIVA JORNALÍSTICA DA SALA DE AULA PARA AS PÁGINAS DO LIVRO**

A Narrativa, como já abordado em seção anterior, é um dos conceitos que mais recebem atenção no conteúdo estudado na disciplina Laboratório de Produção Textual, porque, cada vez mais, está consolidado o seu lugar nas práticas jornalísticas, independentemente do dispositivo que o

jornalista utilize para contar suas histórias. Programas telejornalísticos, portais informativos, programas de rádio ou mesmo *podcasts* (o mais novo formato de informação em áudio, que vem ganhando a preferência de ouvintes país afora), matérias informativas em jornais e revistas (impressos ou *online*), *blogs* informativos, contas jornalísticas no Twitter, documentários cinematográficos e muitos outros gêneros midiáticos se apropriam da narrativa para formatar sua informação.

Foi pensando nessa importância que os professores da disciplina de Laboratório de Produção Textual conceberam o projeto “Curiotiz” – uma iniciativa que tinha como foco principal fazer com que os estudantes criassem histórias, utilizando centralmente os elementos da narração<sup>3</sup>. A meta era unir três ações em uma única iniciativa. A primeira, por óbvio, era fazer com que toda a turma praticasse a estrutura narrativa, a partir dos elementos estruturais dessa tipologia textual estudados em sala de aula. As duas restantes estavam estampadas no próprio título do projeto: os autores teriam que produzir histórias baseadas em fatos curiosos (portanto, ficcionais, na maioria dos casos) e que tivessem como *lôcus* a cidade de Imperatriz (que, popularmente, é conhecida pela derivação regressiva ITZ).

Para estimular mais ainda a criatividade e garantir que cada história fosse única (não houvesse repetições de temas), os professores procederam a um sorteio de temáticas em sala de aula. Cada aluno foi chamado para retirar, de uma caixa lacrada, o título da sua história. Para evitar reclamações e “fazer justiça”, cada aluno tinha duas chances: ele retirava o título, lia-o, pensava um tempo mínimo sobre o que lera e decidia se ficava com aquele desafio ou não.

---

<sup>3</sup>De acordo com os estudiosos (NASCIMENTO, 2009; SENA, 2008; COIMBRA, 1993), esta é, com algumas variações, a estrutura narrativa básica: personagem (principal, secundária); tempo (cronológico, psicológico, linguístico e físico); lugar (no jornalismo, chamado de ambiente); enredo; foco narrativo (narrador-personagem, testemunha, observador e onisciente). Segundo reflexões de Marcuschi (2010), a narração é um tipo textual cuja sequência linguística típica apresenta verbo de mudança no passado e circunstâncias de tempo e lugar, caracterizando-o como um enunciado que indica ação.

Caso decidisse que não queria produzir aquela história, ele a punha de volta na caixa e retirava outra, dessa vez definitiva. E assim foi feito com todos os alunos participantes do projeto.

As histórias eram as mais díspares possíveis, na intenção de fazer, realmente, com que cada aluno-autor usasse a sua imaginação e, no cômputo geral, o livro trouxesse uma carga de curiosidade, gerando, por extensão, interesse em quem o lesse no futuro. Na tabela abaixo, estão os nomes dos alunos-autores e os títulos das histórias escritas:

ALUNO	TÍTULO
ANDRESSA KELLY	Se eu tocar em você, você vira uma estátua
AYLLA YOHANA	O padre que fazia chover
BRENDA CLARISSE	O homem que encontrou uma pepita de ouro em um peixe
CRISTIANE MIRANDA	No cemitério, encontrei meu grande amor
DALETH JHENIFER	José, famoso mundialmente!
ELIANA ROSENDO	O cachorro que cantava arrocha
EMANOELLY GONÇALVES	Goiaba afrodisíaca
FELIPE COSTA	O fantasma da UFMA
FELIPE RIBEIRO	Severino e o pé de macaúba encantado
GABRIEL ARAÚJO	A mulher que ganhou 30 vezes no Portal dá Sorte
GUSTAVO LIMA	Quando eu falei 'ressuscita', a mulher saiu andando
GUSTAVO VALE	Meia-noite na Praça Brasil
GIDELJONES SENA	Eu vivo de fazer caretas
IAGO VICTOR	A boate fantasma
LANY DE SOUSA	A branca de neve do cabelo ruivo
ISABELA CUNHA	A Frida Kahlo de Imperatriz
JAKELINE BERNARDO	Minha avó conheceu Frei Epifânio
JOÃO CARLOS ALCÂNTARA	O dia em que os ETs pousaram no Frei Epifânio
JOÃO VICTOR	Seu Belarmino, o bom de briga
JOILSON BARROS	A galinha caipira
JOSÉ ANTONIO	O apito final
JULIANA CARVALHO	A verdadeira história de Che Guevara
LIA EUGÊNIA	... aquele sangue todo
LÍVIA NICOLLY	A melancia dos caroços de ouro
LUANA CARVALHO	Joacy, mais veloz que Bolt

<b>LUCAS DE SOUSA</b>	Tragédia no Riacho do Cacau
<b>LUCAS MEDEIROS</b>	O garoto que morreu duas vezes
<b>MARCELO NERES</b>	Comprei um iPhone por 1 real
<b>MARCOS FEITOSA</b>	O lobisomem que dormiu comigo
<b>MARCOS VINICIUS</b>	O boto do rio Tocantins
<b>MARCUS MARINHO</b>	Casamento na praça Brasil
<b>MARIA CAROLINA</b>	Zé Bacurau, o homem mais valente
<b>MARIA CAROLINE</b>	A cobra encantada do rio Tocantins
<b>NATÁLIA PAULO</b>	... eu vim te buscar, Brigitte
<b>RITA DE CÁSSIA</b>	O mototáxi fantasma
<b>SANDRA BANDEIRA</b>	O Conde Drácula da Vilinha
<b>THALITA GALVÃO</b>	Aquela rave no Ribeirãozinho dura uma semana
<b>VANESSA CARVALHO</b>	O menino que chora lágrima milagrosa
<b>VICTOR HUGO</b>	O cuscuz de arroz encantado

Fonte: Elaborada pelos autores.

Na perspectiva da atividade laboratorial, até estar pronta, cada narrativa seguiu um percurso que incluiu várias etapas. A princípio, com o seu título em mãos, os alunos receberam as seguintes orientações de produção:

Car@ alun@,

Estas orientações são referentes ao projeto "CURIOSITZ". Leia-as com atenção, para fazer um ótimo trabalho.

1. A ideia do Curiositz é fazer um E-BOOK, com as narrativas de alun@s. Depois de feitas, as narrativas serão preparadas para o livro, que sairá em formato PDF e ePUB;
2. As narrativas terão entre 30 e 50 linhas de texto, que deverão ter o seguinte formato: fonte Arial, tamanho 12, espaçamento entrelinhas 1,5;
3. Os textos da disciplina, referentes às tipologias textuais, deverão utilizar os elementos estruturais da narrativa estudados em sala de aula: personagens + lugar/ambiente + enredo + tempo + narrador/foco narrativo e suas muitas possibilidades. Leia e veja a melhor forma de estruturar seu texto com esses instrumentos;
4. A sua narrativa terá como TÍTULO aquele que você tirou por sorteio;
5. A partir do título, estruture uma narrativa que tenha como elementos: a criatividade; a imaginação; a coesão e a coerência; e o uso de figuras de linguagem;
6. A sua narrativa não precisa ser REAL. A ideia é que você faça, com ela, um exercício de criatividade. Use, sempre que puder, apenas elementos que possam trazer VEROSSIMILHANÇA ao texto. Exemplo: se o seu texto é sobre o rio Tocantins, use informações sobre o rio; se é sobre o Mercadinho, procure fazer uma pesquisa. Isso é fundamental para prender mais a atenção do leitor;

7. O texto, em sua primeira versão, deverá ser entregue, via SIGAA<sup>4</sup>, até o dia 12 de junho (quarta-feira). Essa versão será avaliada e receberá uma nota de 0 a 10. O que será avaliado nessa versão: a estrutura do texto (coerência, coesão, ritmo, linguagem adequada, divisão em parágrafos), a criatividade da história e a relação do tema com a narrativa;
8. A segunda versão do texto (e definitiva) será entregue dia 26 de junho (quarta-feira). Esta versão também receberá uma avaliação com nota de 0 a 10 pontos. Serão avaliados os mesmos aspectos citados no item anterior;
9. O livro deverá ser lançado no dia 10 de julho, em cerimônia na Academia Imperatrizense de Letras, com “noite virtual de autógrafos”;
10. Vamos fazer um belo trabalho. Caprichem!!  
(MATOS; ALVES,2019a. Informação enviada aos alunos via SIGAA)

As etapas consequentes envolveram as seguintes ações: produção e revisão com orientação individual da primeira versão do texto; avaliação da reescrita na segunda versão apresentada para avaliação (que constituiu uma das etapas da segunda avaliação da disciplina); nova reescrita, seguida de revisão com orientação individual; e, finalmente, avaliação do texto em sua versão final (que compôs a terceira avaliação da disciplina).

Nos atendimentos individuais, em que os alunos receberam as revisões da primeira e da terceira versão dos textos, eles puderam discutir com os professores a produção de sua narrativa, esclarecendo quaisquer dúvidas sobre as correções e recebendo orientações com vistas a aprimorar a sua escrita.

As observações efetivadas em cada texto também incluíam conteúdos anteriormente explorados em sala de aula, tais como: fatores da textualidade; elementos de coerência e coesão textuais; funcionalidade das figuras de linguagem; apresentação, para cada narrativa, de trechos descritivos; estabelecimento, nos textos, das noções claras de paragrafação e, claro, a correção gramatical, pois os tópicos de gramática, no estabelecimento da disciplina (ementa; programa) sempre são vinculados à produção do texto, fazendo parte do cômputo da sua avaliação textual, como elemento de suporte

---

<sup>4</sup>Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas, utilizado na Universidade Federal do Maranhão.

da sua noção de eficácia comunicativa, dentro do gênero com o qual trabalha uma produção textual específica.

Na primeira versão, os alunos apresentaram dificuldade com a composição da narrativa, especialmente no que diz respeito à construção da verossimilhança, manutenção do foco narrativo e caracterização de personagens. A falta de adequação do nível de linguagem das falas pode ser citada como um exemplo desta dificuldade. Contudo, o processo de trabalho com reescrita dos textos lhes permitiu desenvolver uma consciência narrativa que se refletiu em uma versão final com melhor organização textual.

As dificuldades quanto ao adequado uso das normas da língua padrão foram as mais diversas, tais como problemas constantes de pontuação e concordância. Nesse tocante, os professores apontavam os problemas, mas orientavam a estudarem o conteúdo gramatical e procederem eles mesmos à revisão do texto para que pudessem, além de aprimorar seu conhecimento sobre a norma padrão da língua, vivenciar essa etapa da produção de um texto, normalmente não valorizada pelos acadêmicos, mas muito importante na prática cotidiana do jornalista.

Infelizmente, ao final do processo, notamos que, mesmo escrevendo um texto que publicaríamos em livro, boa parte deles continuaram a não realizar a revisão gramatical. Assim, em muitos casos, mesmo aspectos gramaticais conhecidos e já trabalhados como conteúdo da disciplina eram negligenciados e as incorreções permaneciam no texto por falta de revisão.

Ainda assim, podemos afirmar que revisar um texto para reescrevê-lo possibilitou à maioria dos alunos uma melhor compreensão de suas potencialidades e dificuldades em relação à escrita, especificamente no que diz respeito à narração e sua organização lógica, bem como um aprimoramento de seu conhecimento da norma padrão da língua.

Após as etapas de produção, revisão, reescrita e avaliação, os textos, em sua versão final, foram entregues e passamos à etapa da produção

do livro em si. Aqui cabe uma observação: a ideia original era a de produzir um livro em formato *e-book*, que fosse disponibilizado como ePUB e PDF, sobretudo, devido aos custos que o projeto encerraria. Ficou decidido, em sala de aula, que os alunos e os professores arcariam com todos os custos da iniciativa, já que não havia patrocínio nem financiamento para tal.

O “livro” produto desse projeto agradou sobremaneira a todos os envolvidos, ao ponto de, na reta final, toda a turma aceitar a proposta dos professores de, ao invés de um *e-book*, ser feito um livro impresso. Essa motivação foi provocada, principalmente, por causa da aproximação do Salão do Livro de Imperatriz, uma feira bastante tradicional que ocorre anualmente na cidade promovida pela Academia Imperatrizense de Letras e que, em 2019, estaria na sua XVII versão<sup>5</sup>.

O livro, então, migrou de formato, passando a ser produzido na modalidade impressa. Para tanto, foi contactada uma editora local, denominada Ethos Editora, especializada em publicações acadêmicas. Os professores foram designados os organizadores da publicação e cada aluno figurou, na capa do livro, como autor, como mostra a imagem abaixo:

Figura 1 – Capa final do livro Curiositz

---

<sup>5</sup>O Salimp é a maior feira literária e cultural do estado do Maranhão e uma das cinco maiores do Norte-Nordeste. É um acontecimento que movimenta toda a cidade de Imperatriz e região todos os anos. Em 2019, por exemplo, o número de participantes ultrapassou os 100 mil. O evento é realizado, tradicionalmente, no mês de outubro, pela Academia Imperatrizense de Letras.





Fonte: Acervo dos organizadores (2019).

Como exercício de produção narrativa, as histórias publicadas, em geral, conseguiram atender aos critérios estabelecidos, aliando as especificidades da estrutura da tipologia Narração (enredo, personagens, tempo, lugar e foco narrativo) a uma boa dose de criatividade e uma cor local, como pode ser verificado nos trechos abaixo:

Naquela noite, ela só queria sair e se divertir um pouco. Nada demais para uma mulher de meia idade, que trabalhou o dia inteiro sob a pressão cotidiana... Assim, pensando na melhor alternativa, fez um convite ao companheiro de vida e lá se foram rumo ao cenário ideal à sessão antiestresse. Tudo perfeito: cabelo, maquiagem, roupa, perfume... Enfim, escolhe o local para a noite: Bezerrão Grill. Local pitoresco de Imperatriz, cujo ambiente convida para o bate-papo descontraído, o ingerir de álcool (sem moderação), o petiscar sem culpa e, claro (pois oferece música ao vivo), a surpresa das apresentações musicais oriundas de bandas locais ecléticas e bastante animadas, assim como pede o ambiente. Já no local da farra, ela inicia o "reconhecimento" de praxe: escolher a melhor mesa, a melhor bebida e, claro, descobrir, junto aos garçons, quem animaria aquela

noite de cunho relaxante. De pronto, fica sabendo que o "cachorro que canta arrocha" estará no palco daqui a alguns minutos.

(Trecho de "O Cachorro que Cantava Arrocha", Eliana Rosendo)

O ano era 2019, cidade de Imperatriz, no Maranhão. Severino, um rapaz que sempre foi apressado, nunca foi de coisa inteira, nasceu de sete meses e meio, seu violão tinha três cordas, seu miojo um minuto e meio, seus patins eram um só. Mas isso não era um problema. É aquela história, uma calça para o Saci são duas. Por mais que sua vida fosse difícil, Severino sempre se virava. Como sua família e ele estavam sentindo fome constantemente, ele decidiu plantar um pé de macaúba no bairro Bacuri, pois diziam que as terras daquele lugar eram as melhores da região Tocantina. Poucos sabiam, na verdade ninguém. Mas naquele ano nascia o pé que mudaria o mundo, pelo menos o de seu cultivador.

(Trecho de "Severino e o Pé de Macaúba Encantado", Felipe Ribeiro)

No dia 16 de julho de 2018, havia saído para o aniversário da cidade de Imperatriz, estava no período de verão e era possível sentir o rotineiro calor de nosso Portal da Amazônia. Me deslocando ao cartão postal da cidade, a grande Beira Rio, passei em frente ao Banco do Brasil da Praça da Cultura, então, resolvi sacar uma grana para comprar uma água de coco. Chegando à porta da agência bancária, fui abordado por uma senhora que aparentava ter sessenta e cinco anos de idade, a mesma estava sentada no chão perto da entrada, pedindo uns trocados a quem entrava e saía. Fiquei um pouco observando e logo entrei na agência, nessa ação, encontro um conhecido que cursou Comunicação Social na Universidade Federal do Maranhão, uma Universidade próxima a esse mesmo banco. Conversando com ele, me relata:

- Você viu aquela senhora pedindo esmola na entrada? Essa mesma senhora, já ganhou trinta vezes no portal da sorte!

(Trecho de "A Mulher que Ganhou 30 Vezes no Portal Dá Sorte", Gabriel Araújo)

Janeiro de 1972, Imperatriz.

PAPAI DISSE QUE AMANHÃ iremos comprar coisas para o futebol.

– Que coisas? – Perguntou mamãe.

– Muitas coisas – respondeu papai. – Entre as quais: uma nova camisa, um par de meias e também uma chuteira

– Chuteira?! – Exclamou mamãe. – Mas isso não é possível! Ele come chuteira.

– Não, mas ele toma sopa para crescer – respondeu papai, – e quando ele cresce os pés também crescem.

No dia seguinte, fui fazer compras com o papai, ele me perguntou sobre a escola e as namoradinhas novas.

(Trecho de "Meia-Noite na Praça Brasil", Gustavo Vale)

Imperatriz, situada no Sudoeste Maranhense, remontava o velho estereótipo de cidadezinha pacata: poucos habitantes, pequenas residências, vastos campos de terras notáveis e, como qualquer outra localidade do interior, repleta de grandes histórias a serem contadas. As mulheres, como de costume, papeavam ao pé das janelas e contemplavam o rosado do céu. A criançada se divertia no jogo improvisado de futebol. Os sinos da catedral ecoavam anunciando não apenas a presença do entardecer. Chegara, naquele fio de tarde, uma personalidade bastante intrigante chamada “Frida Kahlo”.

(Trecho de “A Frida Kahlo de Imperatriz”, de Isabela Cunha)

Foi no ano de 1966, apenas dois anos depois do golpe militar de 64, que o famoso guerrilheiro, argentino-cubano, Ernesto Che Guevara, circulava pelas terras tupiniquins, clandestinamente e com grande perspicácia, a julgar pelo ponto do território nacional em que se encontrava, o Maranhão. Localidade muito distante da fronteira da Bolívia, onde foi caçado e morto. Em Imperatriz, esteve hospedado na Pensão da Dolores, na Av. Frei Manoel Procópio e ali realizou reunião com um grupo de estudantes restantes da antiga estrutura “Grupo dos Onze”, criado em fins de outubro de 1963 pelo então deputado federal Leonel Brizola, com o objetivo de lutar pela implantação das chamadas reformas de base (agrária, urbana, educacional, bancária etc.) preconizadas pelo presidente João Goularte pela “libertação do Brasil da espoliação internacional”.

(Trecho de “A Verdadeira História de Che Guevara em Imperatriz”, Juliana Carvalho)

Além da produção de sua narrativa, os alunos tiveram a oportunidade de elaborar um breve texto descritivo com uma apresentação de si mesmos que pode ser lido na abertura do capítulo com o seu texto, um exemplo pode ser visto na Imagem 2:

Imagem 2 – Texto de apresentação do autor



Fonte: Acervo dos organizadores (2019).

Após a editoração e impressão dos livros, cada estudante pôde receber 10 exemplares impressos, como “parte” do investimento financeiro feito por ele (o livro foi financiado com a contribuição de R\$ 20,00 de cada estudante e o aporte restante dos professores-organizadores do projeto).

Além disso, os alunos participaram do lançamento ocorrido no Salimp daquele ano, momento emocionante, com espaço para muitas fotos, depoimentos dos autores e distribuição de autógrafos, como mostra a foto abaixo:

Imagem 3 – Foto de registro do lançamento do Curisitz



Fonte: Acervo dos organizadores (2019).

O lançamento contou com a presença de vários alunos-autores, de professores do Curso de Comunicação Social e de familiares dos alunos, além, claro, da comunidade local que prestigiou o lançamento como evento na programação do Salimp.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O resultado do projeto “Curiosiz: Histórias Curiosas de Imperatriz” evidenciou que atingiu o seu objetivo de tornar o processo de escrita mais significativo, pois houve o envolvimento de toda a turma tanto na produção das narrativas (foco pedagógico da ação) quanto no processo de feitura do livro – da concepção do nome (CURIOSITZ) à organização do lançamento, durante o XVII Salimp.

Entre os benefícios para o estudo do conteúdo da Narrativa na disciplina de Laboratório de Produção Textual, pôde-se comprovar um trabalho de pesquisa local, na busca de ambientar as histórias, com vistas a alcançar a sua adequada verossimilhança (uma das exigências das orientações oferecidas para nortear tais produções textuais); bem como um avanço no que

diz respeito à organização lógica do texto narrativo, obtido por meio da prática de reescrita e revisão dos textos incentivadas e orientadas pelos professores.

Entretanto, acreditamos que projetos futuros de produção textual que trabalhem com a revisão linguística realizada pelos próprios alunos deverão buscar estratégias que aumentem a sua consciência a respeito da necessária revisão dos textos para garantir sua correção gramatical, especialmente quando os discentes são futuros jornalistas.

Mas, acima de tudo, qual o resultado de todo esse processo para a disciplina? São os próprios organizadores que, no prefácio do livro, deixam registrado: “O que queríamos com tudo isso? Que noss@salun@s, que serão, no futuro, jornalistas, aprendam desde cedo a enredar belas histórias, porque contar histórias é a razão de ser de qualquer jornalista. Ou não?” (MATOS; ALVES, 2019, prefácio).

## REFERÊNCIAS

- ABREU, AntonioSuárez. **O design da escrita**: redigindo com criatividade e beleza, inclusive ficção. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2008.
- BARTHES, Roland et al. **Análise estrutural da narrativa**: pesquisas semiológicas. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1976.
- CHAPARRO, Manuel Carlos. **Sotaques d’aquem e d’além mar**: travessias para uma nova teoria dos gêneros jornalísticos. São Paulo: Summus, 2008.
- CHARAUDEAU, Patrick. **Discuso das Mídias**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2015.
- COIMBRA, Oswaldo. **O texto da reportagem impressa**. São Paulo: Ática, 1993.
- CORRÊA, Manoel Luiz Gonçalves. **Linguagem e Comunicação Social**: visões da linguística moderna. São Paulo: Parábola, 2002.

- GUEDES, Paulo Coimbra. **Da redação à produção textual: o ensino da escrita.** São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- LAGE, Nilson. **Linguagem jornalística.** São Paulo: Ática, 1990.
- KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **A inter-ção pela linguagem.** 9 ed. São Paulo: Contexto, 2004a.
- \_\_\_\_\_. **A coesão textual.** 19 ed. São Paulo: Contexto, 2004b.
- KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e Escrever: estratégias de produção textual.** 2 ed. São Paulo: Contexto, 2018.
- KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **A coerência Textual.** 16 ed. São Paulo: Contexto, 2004.
- MARCUSCHI, Luiz Antonio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão.** São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- \_\_\_\_\_. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (org.). **Gêneros textuais e Ensino.** São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- MATOS, Márcos Fábio B.; ALVES, Regysane Botelho C. (org). **Curiositz.** Imperatriz: Ethos, 2019.
- \_\_\_\_\_. Orientações de atividade de produção textual do projeto “Curiositz”. **SIGAA – Sistema Integrado de Atividades Acadêmicas.** Universidade Federal do Maranhão: Imperatriz, 2019a.
- MELO, José Marques de. **Jornalismo Opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro.** 3 ed. rev. e ampl. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.
- MOTA, Luiz Gonzaga. **Jornalismo e configuração narrativa da história do presente.** Edição 1. Dezembro de 2014. E-compós. Disponível em: <http://www.compos.org.br/e-compos>. Acesso em 10 de fevereiro de 2018.
- NASCIMENTO, Patrícia Ceolin do. **Técnicas de redação em jornalismo: o texto da notícia.** Magaly Prado (org.). Vol. 2. São Paulo: Saraiva, 2009.
- SENA, Odenildo. **A engenharia do texto: um caminho rumo à prática da boa redação.** 3 ed. Manaus: Valer, 2008.



e-ISSN: 2177-8183

SILVA, Célia Maria Medeiros Barbosa da. **A disciplina língua portuguesa no ensino médio e a prática docente:** o que dizem os documentos oficiais. Revista Odisseia. N. 07. Natal: UFRN, dez. 2011.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO (UFMA). **Projeto político-pedagógico do Curso de Jornalismo.** São Luís: UFMA, 2005.

VANOYE, Francis. **Usos da linguagem:** problemas e técnicas da comunicação oral e escrita. 12 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.